



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO RIO DE JANEIRO - CAMPUS NILÓPOLIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA "SALA DE LEITURA" PARA A EJA EM ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE DUQUE DE CAXIAS**

Ana Paula Lopes dos Santos Gonçalves<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia de Souza Teixeira

**RESUMO:** Neste trabalho, será feita uma análise do projeto "Sala de Leitura" desenvolvido, com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escolas municipais de Duque de Caxias (RJ), a partir de um referencial teórico sobre a EJA, a leitura e as salas de leitura. Em seguida, serão apresentados dados desse projeto na forma de um relato de experiência da pesquisadora como professora/dinamizadora de salas de leitura de escolas desse município.

**PALAVRAS-CHAVE:** EJA; Leitura; Sala de Leitura.

**ABSTRACT:** In this work, it will be made an analysis of the project "Reading Room" developed with groups of the Youth and Adult Education (YAE), in municipal schools in Duque de Caxias (RJ), based on a theoretical framework about YAE, reading and reading rooms. Then it will be presented some data of this project by means of a researcher's experience report as a teacher / proactive of reading rooms in schools of that municipality.

**KEY WORDS:** YAE; Reading; Reading Room.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela UFRJ e professora regente do primeiro segmento do ensino fundamental da rede municipal de Duque de Caxias. Aluna do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Campus Nilópolis.

## INTRODUÇÃO

A formação do educando envolve, ao longo da vida escolar, o desenvolvimento de inúmeras competências, contudo, sabe-se que os sujeitos da educação de jovens e adultos (EJA), em sua grande maioria, são pessoas que, por variados motivos, deixaram de receber importante orientação nesse sentido. Isto não quer dizer, porém, que esses indivíduos não possam, de algum modo, inserir-se mais plenamente no contexto cultural e social.

Por uma questão de justiça, os educandos dessa modalidade de ensino devem ter assegurado o acesso aos bens culturais e sociais, como qualquer cidadão que viva numa sociedade dita democrática. E, entre esses bens, possivelmente, um dos mais importantes seja o livro, uma vez que, a partir deste, pode-se ter acesso a diferentes tipos de conhecimento.

Entretanto, apenas o domínio do código escrito, ou da decodificação, não é, há muito, suficiente para que o aluno, de qualquer modalidade ou idade, transforme-se num leitor competente. A escola deve levar o educando a aproximar-se da leitura de modo pleno. Deve lançar mão de estratégias de ensino que incentivem a reflexão crítica, que motivem a leitura pela leitura, pelo conhecer e fruir e, não somente, o “ler para a prova”.

De acordo com Santos, Riche e Teixeira (2013):

Para formar leitores, é necessário que, na escola, a leitura de textos escritos não se limite a adaptações ou fragmentos de textos, seguidos de exercícios de vocabulário e atividades de compreensão que apenas exigem do aluno um recorte-cole, sem suscitar uma reflexão dos temas abordados, limitando-se à literalidade. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p.41)

É de suma importância que a escola, na figura do corpo docente, principalmente, compreenda quão fundamental é a leitura, mormente, para o alunado da EJA, que, em muitos casos, não conseguiu, ainda, apesar das inúmeras experiências de vida, dominá-la.

Benvenuti (2012) lembra que

Ainda que países desenvolvidos como os Estados Unidos, a França e a Inglaterra, os quais já erradicaram o analfabetismo, apresentem número alto de pessoas com dificuldades para utilizar a leitura e a escrita em tarefas cotidianas, esses dados evidenciam que o problema não é com o nível de analfabetismo, mas com as práticas sociais ligadas ao letramento. (BENVENUTI, 2012, p.79)

A leitura é uma forma de interação em que se produzem sentidos variados, em que se ampliam as possibilidades de atuação social, as visões do mundo, as reflexões. Não é um ato puramente mecânico; é um conhecimento internalizado que, com o tempo, pode, e deve, desenvolver-se mais.

Yunes e Oswald (2004) afirmam que

O professor que transmite aos alunos o significado de um texto ou impõe uma única interpretação, sem ouvir a interpretação que os alunos fazem dele, transforma as atividades de leitura em um experimento, em um simples meio para se chegar a um saber já previsto e construído de acordo com os critérios da verdade, da objetividade. (YUNES e OSWALD, 2004, p.35)

Por esse motivo, o letramento deve ser uma "bandeira" das escolas, ou seja, letrar e alfabetizar devem andar juntos; devem, de fato, provocar mudanças na vida do indivíduo, levando-o a não mais se contentar em repetir informações, mas ser capaz de compreendê-las em sua simplicidade ou complexidade.

É importantíssimo, em relação à leitura, que os aspectos emocionais estejam sempre presentes, isto é, levar ao sujeito da EJA uma leitura desconectada de seu mundo ou de seus sentimentos, ao menos, num primeiro momento, pode ser um caminho rápido para a frustração tanto para ele quanto para o professor, fazendo com que o trabalho não alcance o resultado desejado.

Ir à escola, após um dia cansativo, tem de valer à pena para o indivíduo da EJA, por isso, ações que envolvam a leitura e que, ainda, sejam prazerosas, são sempre bem vindas para minimizar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que se dispõem a estudar.

Para isso, iniciativas como o projeto “Sala de Leitura”, implementado nas escolas do município de Duque de Caxias, podem ser uma forma de melhorar a relação dos indivíduos da EJA com os livros, jornais, revistas, enfim, com a leitura pela leitura, pelo conhecer em si.

Neste artigo, a partir de vivências desta pesquisadora, como professora/dinamizadora da rede de educação duquecaxiense, faremos uma análise do referido projeto, procurando conhecer seu nascimento, seus objetivos e sua forma de desenvolvimento, principalmente, nas turmas de educação de jovens e adultos.

Para tanto, partiremos de um referencial teórico que tratará de assuntos como a EJA, a leitura e suas nuances e, enfim, as contribuições que o projeto “Sala de Leitura” pode trazer para essa modalidade.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A Educação de Jovens e Adultos (EJA): perfil e funções

Na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, mormente no que se refere à questão das oportunidades, entendemos que a educação, como um direito, tem papel primordial em qualquer sociedade minimamente comprometida com a justiça para seus cidadãos.

Nessa perspectiva, a educação de jovens e adultos (EJA) traz, em seu cerne, uma certa dignidade ao indivíduo que, por qualquer motivo, tenha sido excluído da educação regular na chamada idade própria e, por conseguinte, encontra nela a chance de recuperar aquilo que lhe é de direito.

Para tanto, no que se refere, pelo menos, ao ensino fundamental, preconiza o artigo 208 da Constituição de 1988: "O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria [...]." (BRASIL, 1988).

Sob a ótica do direito à educação, a lei 9.394/96, de *Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (BRASIL, 1996), nos artigos 37 e 38, contempla a educação de jovens e adultos no sentido de elevar sua formação no ensino básico.

Dessa maneira, essa lei contribui para a mudança do caráter puro e simples da alfabetização, ou seja, a partir dela, a EJA não mais seria vista apenas como o momento em que as pessoas aprendem, tão somente, a ler e escrever, como ocorria em tempos anteriores, devido às políticas públicas até então implementadas para essa modalidade. Passa-se, então, a ter maior conformidade com as resoluções da UNESCO<sup>2</sup>, que assim define a EJA:

[A educação de adultos] denota o conjunto de processos educacionais organizados, seja qual for o conteúdo, nível e método, quer sejam formais ou não, quer prolonguem ou substituam a educação inicial nas escolas, faculdades e universidades, bem como estágios profissionais, por meio dos quais pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos, melhoram suas qualificações técnicas ou profissionais ou tomam uma nova direção e provocam mudanças em suas atitudes e comportamentos na dupla perspectiva de desenvolvimento pessoal e

---

<sup>2</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (**UNESCO** - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization).

participação plena na vida social, econômica e cultural, equilibrada e independente; contudo, a educação de adultos não deve ser considerada como um fim em si, ela é uma subdivisão e uma parte integrante de um esquema global para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (UNESCO, 1976<sup>3</sup>, citado em UNESCO, 2010, p. 2)

No entanto, mesmo assegurando o direito de estudar àqueles que não puderam fazê-lo em tempo regular, a LDB não consegue descartar o caráter supletivo da EJA, isto é, não há definição a cerca do financiamento para essa modalidade, não há pessoal especializado para atendimento a esse público e, além disso, as principais ações do Estado, amparadas pelo artigo 38 da LDB, vão na direção dos exames de suplência, os quais certificam, mas não necessariamente dão a formação apropriada.

Contudo, no parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2000), avançamos no processo de construção de uma política de educação de jovens e adultos mais eficaz, uma vez que esse documento é fruto da mobilização de entidades que fazem a EJA em nosso país. A partir dele, amplia-se a visão de atendimento da EJA, superando-se a ideia de suplência, atribuindo a essa modalidade as seguintes funções: reparadora, equalizadora e qualificadora, as quais garantem não só o acesso, mas a continuidade de estudos e a qualificação dos alunos, criando uma escola mais compromissada com uma real inclusão social.

Na função reparadora, é reestabelecido ao indivíduo o direito a uma escola pública de qualidade. Significa ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante dentro da sociedade; o que contribui para a conquista da cidadania.

Na perspectiva da função equalizadora, são oferecidas novas oportunidades, novos caminhos no mundo do trabalho e também na vida social de cada sujeito, ou seja, é a busca efetiva pela igualdade. Há a possibilidade de desenvolvimento em qualquer tempo, utilizando-se a troca de experiências e a aquisição de novas técnicas de trabalho, além do conhecimento de novas culturas.

Partindo do princípio da incompletude do ser humano, a função qualificadora confunde-se com o próprio sentido da EJA, ou seja, é a função que assegura a atualização dos conhecimentos por toda a vida do indivíduo, não importando o quanto ele perdeu por faltar-lhe a educação escolar na idade própria. Ninguém deixa de aprender, o que importa é a continuidade do ganho e a atualização do conhecimento por toda a sua existência, a partir do momento em que esse mesmo sujeito achar conveniente, ou necessário, para si, uma vez

---

<sup>3</sup> UNESCO. CONFINTEA from Nairobi, Nov. 1976.

que tal potencial para o desenvolvimento possa adequar-se, atualizar-se, dentro ou fora dos quadros escolares.

Diante desse novo cenário de inclusão, a escola assume papel fundamental na democratização da EJA, uma vez que é principalmente através dessa instituição que o Estado, preferencialmente, assegura sua oferta àqueles que necessitam.

Essa mesma escola deve estar preparada para receber sujeitos com variados pertencimentos, seres humanos com emoções, sentimentos, vivências, cultura e realidades sociais, que compreendemos serem de suma importância para o entrelaçamento das relações entre todos que compõem o ambiente escolar. Conforme o Parecer CNE/CEB 11/2000:

A ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" apenas para tarefas e funções "desqualificadas" nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionero regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2000, p. 5)

Encontramos na EJA muitos alunos que sofreram inúmeros tipos de preconceitos; muitos trabalham em subempregos, mas ainda encontram forças para mais uma tentativa de melhorar suas vidas. Por esses e muitos outros motivos, a escola precisa acolher esses indivíduos.

Na escola, o educando deve ser o sujeito central de sua história, sendo assim, precisa haver educadores que valorizem as ricas vivências trazidas por esse aluno. Não há mais espaço para a chamada educação bancária, conforme afirma Freire: " O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis, será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca." (FREIRE, 2014, s/p.).

Ainda, nas palavras de Freire: " [...] É preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora." (FREIRE, 2011, p. 39).

A responsabilidade da escola vai além de alfabetizar o aluno adulto. Sabemos da imensa importância da alfabetização, pois é, a partir desta, que o educando pode se desenvolver melhor em vários aspectos e aumentar seu conhecimento, no entanto, em tempos de constantes e rápidas mudanças, há que se preparar o aluno para algo mais, dar-lhe condições para aprender ao longo da vida.

Sobre a aprendizagem ao longo da vida, define a UNESCO (1976), citado em UNESCO (2010):

[Educação e aprendizagem ao longo da vida] denota uma proposta geral destinada a reestruturar o sistema de educação já existente e desenvolver todo o potencial educacional fora do sistema educacional. Nessa proposta, homens e mulheres são os agentes de sua própria educação, por meio da interação contínua entre seus pensamentos e ações; ensino e aprendizagem, longe de serem limitados a um período de presença na escola, devem se estender ao longo da vida, incluindo todas as competências e ramos do conhecimento, utilizando todos os meios possíveis, e dando a todas as pessoas oportunidade de pleno desenvolvimento da personalidade; os processos de educação e aprendizagem nos quais crianças, jovens e adultos de todas as idades estão envolvidos no curso de suas vidas, sob qualquer forma, devem ser considerados como um todo. (UNESCO, 1976, citado em UNESCO, 2010, p.13).

No que tange às consequências das dificuldades de leitura e escrita, o Parecer CNE/CEB 11/2000 enfatiza:

A barreira posta pela falta de alcance à leitura e à escrita prejudica sobremaneira a qualidade de vida de jovens e de adultos, estes últimos incluindo também os idosos, exatamente no momento em que o acesso ou não ao saber e aos meios de obtê-lo representam uma divisão cada vez mais significativa entre as pessoas. No século que se avizinha, e que está sendo chamado de "o século do conhecimento", mais e mais saberes aliados a competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã e para o mundo do trabalho. (BRASIL, 2000, p. 8)

## **1.2 A Leitura e seu papel na EJA**

A escola, sendo espaço democrático de discussão, transformação e formação, necessita, constantemente, rever sua orientação e metodologias com vistas a um melhor atendimento ao alunado da EJA, que possui necessidades próprias.

No entanto, corroborando com o conceito de “aprendizagem ao longo da vida”, desenvolvido e debatido pela UNESCO na CONFINTEA<sup>4</sup> VI (2009), colocamo-nos a pensar: Qual seria a melhor forma de levar o educando da EJA a continuar sua aprendizagem, ou ainda, a permanecer com o ímpeto do aprender ao longo de sua existência?

Dentre as tantas estratégias utilizadas pela escola, em seu cotidiano, percebemos a leitura, em todas as suas mais variadas faces, como um processo que, de fato, traz as mais importantes transformações na vida do educando, uma vez que, até a alfabetização, o aluno

---

<sup>4</sup> Conferência Internacional de Educação de Adultos.

aprende para aprender a ler e, após a alfabetização, ou a tomada para si da prática da leitura (e da escrita), o aluno passa a ler para aprender, informar-se, emocionar-se, divertir-se, encantar-se.

Nas palavras de Queirós<sup>5</sup> (2011), citado em Santos, Riche e Teixeira (2013), conseguimos perceber quão profundo pode ser o ato de ler, em quantas facetas da vida a leitura está presente, o quanto de interação e cumplicidade há entre leitor e escritor:

Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. [...] Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se. Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos tomando as rédeas abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. (QUEIRÓS, 2011, citado em SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p. 5)

As autoras chamam a atenção para o fato que, na a formação de alunos leitores, apenas a alfabetização é insuficiente, uma vez que decodificar textos não é o mesmo que lê-los. Uma simples decodificação não leva o educando a internalizar o conhecimento ao seu redor, ao passo que, possibilitando ao educando o letramento, ele poderá passar a realizar uma leitura mais completa como ser social que é, fazendo associações, escolhas, inferências, levantando hipóteses sobre os mais variados assuntos. As autoras assim definem a leitura:

Leitura – como compreensão de textos, orais e escritos, - é, portanto, uma atividade estratégica de levantamento de hipóteses, conforme objetivos específicos, para pertencimento a um grupo sócio-historicamente situado. Aprender a ler, muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2013, p.41)

A complexidade que envolve o ato de ler compreende muito mais do que somente decodificar o código linguístico. Apenas isso não garante autonomia ao aluno, isto é, não há garantias de que o educando será um leitor, quando muito, torna-se um "ledor", ou seja, aquele que não se aprofunda na leitura, que não vai além daquilo que está escrito, conseguindo apenas repetir informações contidas num texto.

Para Soares (1998), alfabetização e letramento são ações diferentes que se completam:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais

---

<sup>5</sup> QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1988, p. 47)

A partir desse pensamento, podemos inferir que, na alfabetização, ocorre a apropriação da escrita alfabética, quando compreendemos parte do que se necessita para uma leitura competente; ao passo que, no letramento, ocorre a inter-relação entre escrita e texto e seus usos em contextos diversos, dando amplitude ao aprendizado.

Sendo assim, o processo só se completa quando o sujeito, além de apropriar-se da escrita alfabética, consegue relacionar e compreender seu uso nos mais variados contextos.

Temos ciência que, atualmente, na sociedade brasileira, de um modo geral, as questões econômicas em muito influenciam o acesso a bens culturais de grande parte da população e, na EJA, tal fato torna-se mais que evidente, uma vez que nela se encontra a massa trabalhadora, a qual mantém-se distante de boa parcela desses bens.

Percebemos essa constatação nas palavras de Silva (2000):

Se a leitura é um bem cultural inegável para a inserção à cidadania, esse bem ainda mostra-se distante de grande parte da população brasileira. Inúmeros são os entraves para mediar a leitura, dentre eles poderíamos citar a alta taxa de analfabetismo; a sazonalidade dos programas de leitura; o baixo índice de bibliotecas escolares no país e o preço do livro. (SILVA, 2000, p.39)

Sob esse olhar, é simples perceber que a leitura é ferramenta essencial na inclusão do aluno da EJA nas inúmeras possibilidades do mundo letrado. A leitura é um dos principais canais de acesso à cidadania, ou seja, um sujeito que não tenha domínio da leitura terá dificuldades no seu crescimento pessoal e sociocultural, além de enfrentar resistência do mercado de trabalho, o qual tenderá a desvalorizar sua mão de obra.

Dentre os muitos papéis da leitura, Silva enumera: "[...] a leitura, além de acesso à informação, promove diálogos, aumenta a capacidade de abstração e de formulação de ideias, propicia fruição estética, aguça a razão, apura a sensibilidade." (SILVA, 2000, p.12).

### **1.3 A EJA e o projeto "Sala de Leitura"**

É pelo fato de a leitura ser algo tão importante e valorizado na sociedade que o público da EJA, mais que qualquer outro, deve ser “bombardeado” com programas e projetos que incentivem a leitura nas mais variadas formas, e a escola tem posição fundamental nessa questão, pois é a partir desta que alguns deles podem ser viabilizados de modo efetivo.

Então, se a escola deve ser democrática e para todos, nada mais justo que democratizar também o acesso à leitura e, mais que isso, expandir o gosto por essa atividade, formando leitores que poderão ser multiplicadores dessa relevante prática.

Sob o aspecto político no qual a leitura está inserida, Silva (2000) alerta que não há modo de se pensar em leitura e formação de leitores, ao menos na sociedade brasileira, sem que se haja vontade política para organizar a sociedade em torno dessa ideia.

Sabemos que a questão do incentivo à leitura, no Brasil, principalmente nas escolas, é algo de longa data, no entanto, as ações implementadas, por muito tempo, foram tímidas e, em alguns casos, imperceptíveis. Na maioria das unidades escolares, não havia (há) biblioteca; em outras, ela nunca estava (está) aberta. Era (É) algo, no mínimo, frustrante, ao menos para aqueles já possuíam (possuem) a leitura como hábito ou desejavam (desejam) desenvolvê-lo.

Entendemos que a escola tem a obrigação de aproximar o educando dos livros, mas, para isso, há necessidade de prover a instituição de condições para tal, isto é, disponibilizar acervo, profissionais, local etc., dando condições mínimas para que cada projeto se desenvolva da melhor forma possível.

Para Maroto (2012):

Para que a escola possa promover satisfatoriamente as atividades de dinamização e promoção da leitura e da pesquisa, os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento desse trabalho precisam ter uma formação que contribua para seu aperfeiçoamento profissional e cultural, bem como para seu crescimento como leitor. (MAROTO, 2012, p.84)

Ao longo do tempo, tem ocorrido sucessivos "bloqueios" aos programas e projetos de incentivo à leitura, pelos mais variados motivos: falta de verba, de profissionais qualificados, de infraestrutura, etc.; enfim, muitos são os motivos para cortes na área da educação, e os programas extraclasse são sempre os primeiros a serem afetados, causando uma *descontinuidade continuada*, ou seja, continuamente há interrupção dos projetos, não deixando que o trabalho se estabeleça de fato, não havendo sequer como medir a funcionalidade ou resultados, ficando sempre incompletos.

Diante desse contexto, Silva afirma (2000):

Nos últimos anos, temos visto múltiplas ações para a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento da capacidade leitora das crianças, dos jovens e dos adultos. No entanto, os esforços empreendidos necessitam de continuidade e recursos de toda ordem e, por isso, uma política nacional de leitura é uma ação do Estado, isto é, uma ação mobilizadora e articuladora de experiências governamentais e privadas, que estabeleça prioridades,

disponibilize recursos orçamentários, linhas de crédito e demais fontes de financiamento, e invista em programas coordenados capazes de multiplicar seus efeitos, a fim de possibilitar os benefícios dessas ações a toda população. (SILVA, 2000, p.13)

Como afirma o autor, variadas ações de promoção e incentivo à leitura estão sendo atualmente desenvolvidas. Podemos afirmar que uma delas é o projeto "Salas de Leitura", o qual é definido, no *site* da Prefeitura do Rio de Janeiro, como “espaços privilegiados de desenvolvimento de práticas voltadas para a promoção da leitura e formação do leitor na perspectiva da leitura de mundo e para a instalação de estruturas, tecnologias e metodologias mídia-educativas.” (RJ-SME, 2006<sup>6</sup>, citado em PIMENTEL, 2011, p.112).

Notamos, pela definição anterior, que, além de promoção da leitura, na Prefeitura do Rio de Janeiro, as salas de leitura também são espaços de mídia, ou seja, onde estão, para utilização, os aparatos tecnológicos disponíveis na unidade escolar.

Nem todos os projetos que têm a leitura como mote possuem nomes idênticos e, quase sempre, não funcionam da mesma maneira, mas, em todos, tem papel essencial o mediador ou dinamizador de leitura. Este tem a importante tarefa de promover a relação do leitor com o livro, respeitando as interpretações pessoais e permitindo que todos construam sentidos para os textos.

Cabe ao projeto "Sala de Leitura", normalmente, na figura do dinamizador ou mediador de leitura, definir as estratégias de promoção da leitura, com o objetivo de fazer chegar ao leitor o livro, a revista, o jornal, etc., resgatando/desenvolvendo o interesse, o gosto pela leitura, visando à formação do leitor crítico com capacidade de ampliar suas informações e opções na vida individual e coletiva. De acordo com Silva, ainda sobre o mediador: “...o professor mediador deve compreender que a leitura é uma das práticas sociais que possibilitam ao indivíduo usufruir melhor a vida em sociedade.” (SILVA, 2000, p.172).

O papel do mediador de leitura é fundamental na disseminação e promoção da leitura na escola, pois, nem sempre, o professor regente da turma é um leitor, e, nesse caso, o incentivo à leitura fica prejudicado.

Não adianta apenas distribuir livros nas escolas e não lhes dar apoio para a implementação e continuidade das ações de promoção da leitura. Cabe às esferas governamentais (federal, estadual e municipal) disponibilizar recursos e pessoal capacitado, além de garantir a organização e a continuidade do projeto, com vistas também

---

<sup>6</sup> RIO DE JANEIRO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Salas de Leitura do Município*. Disponível em: < <http://www.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2006.

à transformação da comunidade em torno da escola, confirmando-a como polo de difusão e incentivo ao conhecimento.

## **2 METODOLOGIA**

Este trabalho analisa o objeto da pesquisa, o projeto "Sala de Leitura" desenvolvido em escolas municipais de Duque de Caxias (RJ), com base no referencial teórico e a partir das experiências/vivências da pesquisadora como professora/dinamizadora desse projeto, em cinco escolas, entre março de 2009 e maio de 2014, onde atuou junto a turmas da creche ao nono ano, incluindo as de EJA do ensino fundamental.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 Perfil dos alunos da EJA em Duque de Caxias - RJ**

Em Duque de Caxias, cidade da Baixada Fluminense, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (RJ), mulheres em sua maioria, são trabalhadores. Quanto à faixa etária, há desde pessoas idosas até jovens que, após muitos períodos no mesmo ano escolar, atingiram a idade mínima para o ensino noturno. Há que se ressaltar o grande número de pessoas com ascendência nordestina, uma característica marcante da população desse município.

Talvez, por esse motivo, possamos perceber a grande simpatia por assuntos relacionados, de alguma maneira, à região Nordeste do país. Tal fato ficou muito evidente quando comparamos o grau de interesse, nos trabalhos das salas de leitura, pelos temas "literatura de cordel" e "Vinícius de Moraes", adotados em anos diferentes. O primeiro despertou muito mais interesse. Os alunos fizeram mais perguntas, procuraram conhecer mais detalhes, fizeram festas, onde cantaram e dançaram, trouxeram histórias; enfim, a participação foi bastante efetiva. Por outro lado, o mesmo interesse não foi detectado nas atividades com o segundo tema: as músicas mais conhecidas do autor chamaram a atenção, porém não houve maior empenho na realização das atividades.

Esse fato alertou-nos, mais uma vez, para a importância de se tratarem temas que envolvam, de alguma forma, as experiências e sentimentos dos alunos, isto é, que façam

com que o corpo discente sinta-se próximo e, quem sabe, parte daquele momento, daquela história.

### **3.2 O Projeto "Sala de Leitura" em Duque de Caxias**

De acordo com o *site* da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (DUQUE DE CAXIAS, 2015), a semente que deu origem ao projeto "Sala de Leitura", nas escolas da rede, foi uma iniciativa da Universidade Federal Fluminense, no final de 1991, com a criação do Programa de Alfabetização e Leitura – PROALE, que visava dar novo sentido ao oferecimento da leitura nas redes públicas de ensino.

Ainda de acordo com o *site*, como participante do evento, a Secretaria Municipal de Duque de Caxias recebeu orientações para o desenvolvimento do programa nas escolas, além de um acervo com duzentos e quarenta e quatro títulos de literatura infanto-juvenil para que ele pudesse ser “dinamizado” nas unidades escolares.

Logo no início de 1992, nascia a Equipe de Leitura da SME-DC, formada por professores da rede municipal, os quais tiveram a tarefa de iniciar o projeto, saindo às escolas para incentivar a leitura.

Após alguns anos, percebeu-se que não era suficiente apenas uma equipe para dar conta do atendimento a todas as unidades escolares do município, mesmo depois de contar com um "caminhão baú" para promover a contação de histórias pelas escolas. Com isso, houve a necessidade de expandir o projeto. Foi quando se abriu espaço, em algumas escolas, para que os professores, escolhidos por diretores, pudessem trabalhar, também, como, dinamizadores de leitura.

Os dinamizadores deveriam ser professores do primeiro segmento que, com sua carga horária mais extensa, poderiam atender, de modo vertical, em sua unidade escolar, isto é, o dinamizador poderia atender às turmas dos três, ou até dos quatro turnos da escola em que estivesse lotado, no mesmo dia, se assim o desejasse, conforme o horário para atendimento. Isto começou a acontecer em 2003; quase onze anos após a criação da Equipe de Leitura.

No entanto, mesmo nos dias atuais, mais de vinte anos após a implementação do projeto, não há sala de leitura disponível em todas as escolas da rede e, mesmo quando existe o projeto na unidade, não necessariamente, todas as turmas são contempladas, e a EJA é uma das modalidades mais prejudicadas nessa questão.

O projeto objetiva, em Duque de Caxias, promover a leitura em todas as escolas e atingir a meta maior de transformar o município numa "cidade de leitores", conforme é explicado nos cursos de capacitação para dinamizadores.

Para isso, realiza um trabalho em que professores da rede municipal de ensino candidatam-se a dinamizadores de leitura de suas respectivas unidades escolares. No caso de não haver turmas suficientes na mesma escola, o professor deve, obrigatoriamente, completar sua carga horária, referentes a 15 turmas, em outras unidades escolares; quantas forem necessárias.

Além de incentivar o hábito da leitura junto aos alunos, o dinamizador possui, também, a função de fazê-lo junto aos docentes, para isso, nos Grupos de Estudo (ou GEs, que são reuniões bimestrais entre professores, orientadores e diretores, com vistas a discutir inúmeros assuntos pertinentes à rede e/ou a própria unidade escolar) é reservado um momento (normalmente entre uma hora ou uma hora e meia) para que o dinamizador possa expor o acervo, desenvolver dinâmicas de grupo, demonstrar e realizar atividades de incentivo à leitura junto aos professores, mostrando-lhes como é o trabalho com os discentes. Há, ainda, o espaço para apresentação de vídeos, músicas e textos que encerrem o assunto ou, simplesmente, que sirvam para descontrair, como é o caso da "leitura compartilhada", uma atividade, geralmente feita no início da aula, realizada pelo professor para os alunos, ou dos alunos para outros alunos, apenas para deleite, ou seja, uma leitura para ser ouvida, simplesmente, sem a necessidade de qualquer conexão com o assunto que será tratado durante aquele ou qualquer outro dia letivo.

Enfim, os professores, mesmo aqueles pouco interessados em leitura, acabam participando de alguma forma, pois trocam experiências; sugestões de filmes, livros, textos, realizando, assim, o chamado "clube de leitura".

A Equipe de Leitura, responsável pela implementação do projeto, que é subordinada à Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias – SMEDC, promove, mensalmente, com todos os dinamizadores, reunião em que apresenta os temas e diretrizes a serem desenvolvidos naquele ano; então, trocam-se experiências; fazem-se indicações de livros e atividades de incentivo à leitura.

No entanto, cabe ressaltar que não há treinamento específico para nenhuma dos anos escolares atendidos, ou seja, todo o planejamento e desenvolvimento do trabalho fica a cargo do professor/dinamizador, o qual deve adequar as atividades às turmas que venha a atender, da creche ao nono ano, incluindo as da EJA.

### 3.3 Relato de experiência nas salas de leitura

Nossa experiência pedagógica (ou seja, desta pesquisadora) deu-se em cinco escolas da rede municipal de Duque de Caxias, onde atuamos como professora/dinamizadora do projeto "Sala de Leitura", em turmas da EJA, de março de 2009 a maio de 2014.

Inicialmente, no primeiro período de nossa participação no projeto, entre 2009 e 2011, a responsabilidade pelos temas propostos, pela implantação do projeto e pelo desenvolvimento das atividades era totalmente do professor/dinamizador e da equipe gestora (orientadores educacionais, pedagógicos e diretores) de cada unidade escolar.

Dessa forma, a escola tinha liberdade para decidir que autores e atividades iria trabalhar durante o ano letivo. No entanto, para o dinamizador que atuava em mais de uma escola, às vezes em três ou quatro, esse trabalho complicava-se muito, pois, em cada uma das escolas, haveria um tema, um planejamento e atividades totalmente diferentes.

No segundo período, entre 2011 e 2014, a partir de uma nova chefia da Equipe de Leitura, o sistema foi modificado, permanecendo o mesmo até os dias atuais, ou seja, a partir desse momento, a Equipe de Leitura da SME traçaria as diretrizes para todas as unidades escolares, que deveriam adaptar o tema e as atividades à realidade de seu corpo discente.

Nesse novo sistema, o trabalho do dinamizador foi facilitado, uma vez que não precisaria mais lidar com temas e autores diferentes. Por outro lado, as escolas deveriam acatar o tema escolhido pela Equipe de Leitura que, em alguns casos, estava distante da realidade do alunado.

Essa distância acentuava-se, especialmente, nas atividades com as turmas da EJA, que ofereciam, vez por outra, maior resistência a alguns temas e/ou autores, como, por exemplo, quando Ziraldo foi o autor homenageado, pois este, apesar de admirado, era associado à literatura infantil, tendo sido necessário dar maior ênfase ao Ziraldo chargista. O mesmo ocorreu, em outro ano letivo, quando Sylvia Orthof foi a autora escolhida. Por ser uma escritora de livros infantis e juvenis, foi necessário grande esforço dos dinamizadores para mostrar a obra teatral e a biografia da autora. Além disso, os temas que envolviam, de algum modo, religião sempre causavam algum tipo de constrangimento, uma vez que a discussão sobre "certo ou errado" vinha à tona. Por esses

e outros motivos, era preciso que os dinamizadores fossem mais criativos e, principalmente, mais treinados para o atendimento a esse público.

Mas, em nenhum dos sistemas, havia capacitação específica para as séries atendidas e, principalmente, as turmas de EJA sofriam bastante com essa situação, pois a maioria dos dinamizadores eram professores do ensino regular para crianças, e isso trazia certa dificuldade quanto à linguagem e às atividades desenvolvidas com os alunos da EJA.

É interessante observar que as turmas da creche e da EJA (polos extremos em questão de faixa etária) eram as mais interessadas nas atividades de leitura. Apesar das dificuldades dos alunos em ler, o trabalho do dinamizador fluía com mais tranquilidade e era mais valorizado por esses alunos.

A falta de material e de espaço específico nas escolas (para incentivar e motivar o alunado a participar ativamente do mundo da leitura), ou seja, onde os alunos possam, de fato, manusear, ler, comentar a obra, a notícia ou manchete, vem se constituindo uma barreira que os dinamizadores vêm tentando “quebrar”, ano após ano, governo após governo. Outros problemas a destacar são a falta de articulação do trabalho das salas de leitura com o dos professores regentes das disciplinas e o fato de que poucas escolas desenvolvem o projeto com a EJA.

Infelizmente, o projeto nem sempre recebe o incentivo e o valor que deveria. Constata-se tal fato através da observação de ações como, por exemplo, transformar os dinamizadores de leitura em “faz tudo” da escola, desfazer os espaços de leitura para transformá-los em salas de aula etc., prejudicando, e muito, o andamento do projeto.

Contudo, há que se destacar os avanços obtidos pelo projeto: os alunos participantes efetivos desses encontros semanais vinham se mostrando cada vez mais receptivos à leitura, mas à leitura pela leitura, pelo prazer de ler, pela curiosidade de conhecer o que outros expuseram nas mágicas páginas das obras literárias, sem se preocupar em terminar um livro/texto, se ele fosse cansativo, buscando aquele que melhor lhes convinha.

Uma das atividades realizadas sempre para iniciar o “ano literário”, batizada pela pesquisadora como “leitura peripatética”, era inspirada no lema grego “*mens sana in corpore sano*”, ou seja, “*mente sã, num corpo sã*”, e no chamado método peripatético<sup>7</sup> de Aristóteles. Consistia em entregar um livro a cada aluno, que andava de um lado para o

---

<sup>7</sup> O mesmo que aristotélico; que ensina passeando, movimentando-se.



outro, todos ao mesmo tempo, lendo, durante alguns segundos, ao som de música clássica instrumental, ao fundo, o que estivesse em suas mãos. Quando a música parasse, o aluno deveria trocar de livro com qualquer colega que desejasse.

Essa atividade tinha o intuito de fazer com que o corpo discente conhecesse, superficialmente, boa parte do acervo e, com isso, despertar curiosidade em, ao menos, abrir um livro para saber do que tratava. Até hoje é uma atividade festejada pelos alunos, pois permite que todos percebam se há algo que realmente lhes interesse naquele acervo. Normalmente, algumas das obras acabavam chamando atenção dos alunos; sendo bastante comum, também, uma única obra chamar a atenção de muitos.

A partir daí, principalmente na EJA, os livros começavam a ser cobiçados pelos alunos que, “vorazmente”, faziam pedidos de empréstimos de livros para serem “deliciados” em suas casas, no transporte ou no trabalho.

Há, aproximadamente, três anos e meio, os acervos literários enviados pelo governo federal, através do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), para as escolas municipais, passaram a contemplar não somente as crianças, mas também professores, alunos do segundo segmento do ensino fundamental e da EJA. Tal medida ampliou o interesse do corpo discente pelos livros.

Obviamente, alguns livros acabam se perdendo pela falta de cuidado de um ou outro, porém, nada que abale a confiança dada aos alunos e, muito menos, que prejudique a disponibilização do acervo a estes, pois, quanto mais lido, mais vivo o livro é.

#### **4 CONCLUSÃO**

O projeto “Sala de Leitura” é mais que uma simples iniciativa de incentivo à criação de leitores, é uma forma de promoção à cidadania; ou seja, é um projeto que resgata a confiança do alunado, uma vez que ele consegue enxergar-se nas inúmeras histórias. Quantas e quantas delas não têm semelhanças com a própria vida deles? E quantas incentivam a mudança de hábitos e pensamentos! Essa possibilidade não pode ser ignorada pelo poder público.

O projeto é tão importante que alguns já tentaram, mas não conseguiram encerrá-lo. Os sorrisos com que os dinamizadores são recebidos nos encontros de leitura dizem tudo; demonstram o sentimento de agradecimento pelo trabalho estar acontecendo.

Percebe-se que muitos alunos vão se entregando, aos poucos, aos prazeres da leitura. Descobrem que podem escolher o que ler; que existem diversas opções; que um livro pode ser entediante, mas o outro não; que há histórias como as deles; histórias de superação e que, por fim, eles podem ser os autores de sua própria história.

No entanto, o caráter sazonal de projetos educacionais, até mesmo dos já consolidados, como o da sala de leitura, é extremamente prejudicial porque, todos os anos, traz insegurança aos atores das unidades escolares duquecaxienses. Estes nunca sabem se poderão contar, ou não, com a sala de leitura, dificultando a integração entre os dinamizadores e os demais setores das escolas. Dessa forma, concluímos ser essencial que a "sala de leitura" deixe de ser um projeto para tornar-se um programa de caráter definitivo. Dessa forma, estaria garantida a permanência e a efetivação do trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENUTI, Juçara. *O dueto leitura e literatura na educação de jovens e adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CEB nº. 11/2000 - Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, maio 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2014.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9394/96*. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. E-book. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAROTO, Lúcia Helena. *Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PIMENTEL, Claudia. *Espaços de livro e leitura: um estudo sobre as salas de leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro*. 2011. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS. *Leitura Caxias: duas décadas de histórias para contar*, 2015. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/portal>>. Acesso em: 30 de mar. 2015.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Produção da leitura na escola: pesquisas e propostas*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de textos*. 1 ed. 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda B. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. (Org.). *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988. p.18-29.

UNESCO. *Relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos*. Brasília: UNESCO, 2010.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza M. Bastos. (Org.). *A experiência da leitura*. 1 ed. São Paulo: Loyola. 2004.